

VIA TEOLÓGICA

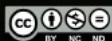
Volume 23 – Número 46 – dez. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

JUDAÍSMO HELÊNICO COMO ACONTECIMENTO CATALISADOR DO QUARTO EVANGELHO

Me. Mateus Soares Guedes



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

JUDAÍSMO HELÊNICO COMO ACONTECIMENTO CATALISADOR DO QUARTO EVANGELHO

Hellenic Judaism as catalyst event of the fourth Gospel

Me. Mateus Soares Guedes¹

¹ Graduado em Teologia pela FATEBE e mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (São Leopoldo). Professor do Seminário Teológico Batista de Tocantins. E-mail: mateussguedes@outlook.com

RESUMO

O Quarto Evangelho é um dos livros neotestamentários que chamam a atenção especialmente pelas suas diferenças dos demais evangelhos sinóticos. Nesse evangelho é possível perceber elementos culturais, sociais e religiosos de duas culturas diferentes: o judaísmo e o helenismo. Deste modo é possível perceber uma relação entre esses dois movimentos ao ponto de se falar de apenas um movimento, o judaísmo-helênico. Tal movimento é encontrado no evangelho de João levando em consideração tanto a influência de filosofias helênicas sobre o autor do Quarto Evangelho, como o contexto social que esse evangelho se encontra, especialmente tendo como pressuposto que na comunidade joanina havia um grupo de judeus influenciados pelo helenismo. Assim, o objetivo desta pesquisa envolve a compreensão de como helenismo e judaísmo se relacionaram e como tal relacionamento influenciou a formação redacional do evangelho de João. Esse objetivo é alcançado utilizando um método objetivo de pesquisa bibliográfica, observando especialmente as relações socioculturais entre os dois grupos, enfatizando os pontos pertinentes para a formação do Quarto Evangelho. Assim, essa pesquisa tem como resultado principal a percepção da complexidade do evangelho joanino em meio às relações de judaísmo e helenismo.

Palavras-chave: Judaísmo-Helênico. Quarto Evangelho. Análise sociocultural.

ABSTRACT

The Fourth Gospel is one of the New Testament books that draw attention especially to their differences from the other sinotic gospels. In this gospel it is possible to perceive cultural, social, and religious elements of two different cultures: Judaism and Hellenism. Thus,

it is possible to perceive a relationship between these two movements to the point of talking about only one movement, Hellenic Judaism. Such a movement is found in the gospel of John considering both the influence of Hellenic philosophies on the author of the Fourth Gospel, and the social context that this gospel finds, especially assuming that in the Joanine community there was a group of Jews influenced by Hellenism. Thus, the aim of this research involves understanding how Hellenism and Judaism related and how such a relationship influenced the reactionary formation of the gospel of John. This objective is achieved using an objective method of bibliographic research, observing especially the sociocultural relations between the two groups, emphasizing the points pertinent to the formation of the Fourth Gospel. Thus, this research has as main result the perception of the complexity of the Joanine gospel during relations of Judaism and Hellenism.

116

Keywords: Judaism-Hellenic. Fourth Gospel. Sociocultural analysis.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de como dois movimentos presentes no contexto do primeiro século d.C. relacionaram-se entre si e como eles tiveram relação com a produção do Evangelho de João. O judaísmo e o helenismo perpassam os escritos neotestamentários, não apenas sendo motivo, como também, gerando debates nos evangelhos e nas cartas Paulinas. O helenismo formava o contexto maior do Novo Testamento, já o judaísmo compunha o pano de fundo no qual se deu as íntimas e profundas discussões de Jesus e os Judeus, do concílio de Jerusalém, das Cartas de Paulo etc.

Para a compreensão dessa temática será abordado como o judaísmo e o helenismo se envolveram em termos gerais no quarto evangelho. Embora a relação do judaísmo com o helenismo seja maior do que a expressa nesta produção haverá uma limitação metodológica do tema, tendo em vista que judaísmo e helenismo serão estudados sempre a partir de sua relação com o Quarto Evangelho. Esta delimitação é necessária, tendo em vista a questão que motiva a presente pesquisa: “Como João conciliou o judaísmo e o helenismo na formação de seu evangelho?”.

1. CONCEITUANDO HELENISMO

É importante, antes de tudo, apresentar o conceito de judaísmo-helênico, no qual pode-se afirmar que é o resultado da interação do judaísmo com as influências helenísticas (HALE, 2001, p. 59). O helenismo foi importante para todo o ambiente cultural do primeiro século. Merrill C. Tenney esclarece que: “A atmosfera cultural do século I deveu sua origem não somente à organização política de Roma, mas também à difusão do espírito helênico que permeara tanto o Ocidente como o Oriente” (TENNEY, 2008, p. 28). Nisso, entende-se um pouco mais acerca do próprio início do cristianismo, que começa no período imperial romano, torna-se uma religião helenística e principalmente herdeira de uma religião judaica já helenizada (KOESTER, 2005, p. 44). Neste sentido, Helmut Koester afirma, por exemplo, que: “O cristianismo começou como seita com ambições missionárias no seio de uma religião judaica já helenizada, mas não emergiu puramente da pregação do profeta judeu Jesus” (KOESTER, 2005, p. 170).

É no meio de tal helenismo e das cidades helênicas que o cristianismo chega ao seu potencial. Nas palavras de Koester, “foi precisamente nas cidades gregas ou helenizadas do Império Romano, e especialmente nas estruturas da classe média urbana, que o potencial do cristianismo incipiente como nova religião universal tomou corpo” (KOESTER, 2005, p. XXIV).

Observa-se, portanto, que o helenismo é um grande catalizador e influenciador do Cristianismo. Logo, é necessário entender este movimento para compreender como ele foi importante para o cristianismo e especificar a sua relação diante do Quarto Evangelho.

2. HELENISMO: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E CONCEITO

Os parágrafos a seguir tratam de dois assuntos: a origem e desenvolvimento do helenismo, e seu conceito. A compreensão desses dois temas é importante, pois a partir dela se poderá entender, de maneira mais clara, como o helenismo se relacionou com o judaísmo, além de compreender como os dois se relacionaram entre si. Portanto, entender o helenismo é o ponto primário e fundamental para a compreensão dos assuntos abordados neste capítulo, desde os movimentos e nomes importantes para o judaísmo helênico até o movimento da diáspora, movimento importante para a construção judaico-helênica.

118

2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO HELENISMO

A expansão grega se iniciou bem cedo. Por volta dos séculos XVI – XII a.C. já havia colônias gregas estabelecidas em várias partes da bacia mediterrânea. Os próprios gregos eram divididos; havia os gregos eólios, que permaneciam na costa setentrional da Anatólia ocidental; e os gregos jônios, que fundaram cidades na região central da costa ocidental da Anatólia, onde se localizavam cidades como Esmirna, Éfeso, Priene, Mío e Mileto (KOESTER, 2005, p. 1). O crescimento dessas cidades acentuou-se a partir do século VIII a.C., sendo fundadas colônias gregas em quase todas as regiões do Mediterrâneo e do mar Negro. Esse período de formação grega foi marcado pelos confrontos com os Persas, contra os quais obtiveram finalmente a vitória, embora ainda existindo combates eventuais. O sucesso diante

dos persas marcou profundamente a mente grega, envolvendo também aspectos políticos e econômicos da região oriental do mundo mediterrâneo (KOESTER, 2005, p. 2-3).

Embora as cidades e expansão grega tenha se iniciado ao menos dois séculos antes, o processo de helenização tem o seu ponto decisivo com Alexandre Magno, nascido em 356 a.C., filho de Filipe II da Macedônia e aluno de Aristóteles (KOESTER, 2005, p. 9). Em sua campanha de libertação, Alexandre necessitou empregar grandes batalhas contra ainda a atual potência da época, os Persas. De acordo com Koester: “a primeira vitória decisiva sobre o rei persa Dario III foi obtida em 333 a.C., em Isso, perto do acesso da Ásia Menor à Síria” (KOESTER, 2005, p. 9).

Foi através dessas vitórias que se possibilitou a conquista da Síria, Fenícia, **Samaria e Jerusalém**, seguido à submissão egípcia, e posteriormente a construção de Alexandria, tornando-se esta, símbolo de novos tempos culturais (KOESTER, 2005). Deve-se mencionar ainda que “a propagação do helenismo depois do tempo de Alexandre foi facilitada pela migração de dezenas de milhares de gregos e macedônios para as áreas conquistadas” (SELTZER, 1990, p. 140). É exatamente através dessas conquistas de várias regiões que a “propagação” do helenismo começou a acontecer.

Após o início do helenismo por meio de Alexandre Magno, um segundo evento que merece atenção é a posição da palestina em relação a divisão que ocorrera no império grego após a morte de Alexandre em 323 a.C. (SELTZER, 1990, p. 11).² Gundry assevera: “Premida entre o Egito e a Síria, a Palestina tornou-se vítima das rivalidades entre os ptolomeus e os selêucidas, que queriam, cada um de um lado, cobrar impostos de seus habitantes e torná-la em zona de amortecimento contra os ataques que trocavam entre si” (GUNDRY, 2008, p. 32).

2 Para a compreensão dos eventos que aconteceram após a morte de Alexandre e a consequente divisão da Grécia é necessário observar com atenção os chamados diádocos, nome dado aos sucessores de Alexandre. Cf. STAMBAUGH e BALCH, 1996, p. 9,10. Para um aprofundamento maior, cf. Koester, 2005, p. 12.

Esse período de combate entre os Ptolemeus e Selêucidas foi considerável, pois nele ocorreram dois eventos significativos para o movimento judeu-helênico: 1. A revolta dos Macabeus, que, nas palavras de Koester: “o estopim foi uma divergência entre os partidos pró-sírio e pro-egípcio com relação à função sumo sacerdotal e ao controle dos interesses financeiros do templo” (KOESTER, 2005, p. 214)³; 2. o crescimento da chamada “diáspora de Israel”, ou seja, da migração de judeus para fora da palestina. A diáspora é importante, pois, através dela deu-se início um processo religioso e cultural independente (KOESTER, 2005, p. 223).⁴

A história do helenismo continua com o domínio do império romano. As informações do início de Roma se perderam nas lendas, todavia a tradição diz que Roma foi fundada em 753 a.C. por Rômulo e Remo, sendo que os registros arqueológicos confirmam o início romano por volta do Século VII a.C. (KOESTER, 2005, p. 289). Sabe-se, todavia, que o crescimento do império veio através de várias batalhas travadas e de vitórias diante de várias potências que existiam na época. É importante a compreensão de que, mediante tais conquistas, houve a absorção das colônias gregas que estavam estabelecidas ao longo das costas marítimas da Gália e da Espanha, na Sicília, e no sul da península itálica (TENNEY, 2008, p. 28), o que possibilitou um processo de helenização no império romano.

A absorção das cidades gregas não foi o único motivo para a helenização de Roma. É relevante a compreensão de que houve vitórias de ambos os lados, isto é, embora Roma se tornara a nova potência mundial, os vencidos gregos também obtiveram sua conquista. Isto se dá porque, como esclarece Tenney, “os vencidos gregos conquistaram culturalmente seus vencedores de forma tão completa que Roma mesma se tornou uma cidade de

3 Para mais informações sobre a revolta dos Macabeus: KOESTER, 2005 p. 214-218; SAULNIER, C. **A revolta dos Macabeus**. São Paulo: Paulinas, 1987.

4 Sobre este assunto, consultar o tópico 1.3.1.

fala grega” (TENNEY, 2008, p. 26). Essa conquista cultural grega fica mais evidente pelo próprio tratamento que os romanos dispensaram aos gregos. Tenney assevera: “muitas vezes [os gregos] não eram somente empregados nas tarefas servis da casa, mas também como professores, médicos, peritos em contabilidade, administradores das fazendas ou de negócios”. Ou seja, os gregos foram colocados em altos níveis sociais, o que facilitou a propagação da cultura grega.

Diante disso, Roma se tornou também um império helenizado. No meio desse império helênico surge o cristianismo, sendo levado e propagado por Judeus que conheciam e praticavam a cultura helênica, p. ex. João e seus escritos, Paulo e seus escritos. Deve-se entender que a relação judaico-helênica é possível e possui grande força, pois o sincretismo é uma grande força no desenvolvimento da religião grega (KOESTER, 2005, p. 167-178). Com essa helenização, as ideias helenísticas impregnaram o pensamento judaico e produziram mudanças fundamentais na tradição da herança literária de Israel (KOESTER, 2005, p. 227). Essa impregnação na literatura e conceitos judaicos, são importantes para todo o início do cristianismo, e em especial para o quarto evangelho.

Observando então um resumo do helenismo, sua relação com o judaísmo e sua continuação no império romano, é necessário agora, procurar definir o helenismo, para que seja possível o aprofundamento nos seus movimentos que foram importantes para o cristianismo e para que se perceba a relação com o judaísmo.

2.2 CONCEITO DE HELENISMO

Conceituar o helenismo em uma simples oração não é uma tarefa fácil, levando em consideração a vasta abrangência deste movimento, bem como sua relação com os mais diversos povos, religiões e culturas. André L. Chivetarese e Gabriele Cornelli,

demonstram que “o termo “helenismo” sofreu um processo de interpretações variadas na antiguidade. De imediato, com Teofrasto no século IV a.C., esta palavra adquire o sentido do uso gramaticalmente correto da língua grega, o grego livre de barbarismos” (JEAGER, 2003, p. 7). Um segundo uso para o helenismo é proposto por L. I. Levine, citada por Chivatarese e Cornelli, “o helenismo é um meio cultural, largamente grego, dos períodos helenísticos, romano e uma extensão mais limitada do bizantino, enquanto, por helenização, ele define o processo de adoção e adaptação desta cultura em nível local” (LEVINE, 1998. *Apud* CHEVITARESE; CORNELLI, 2003, p. 7).

Embora diante de duas definições, será visto, que o helenismo que se envolve com o judaísmo, e juntos desenvolvem conceitos do cristianismo, é o helenismo em termos e aspectos culturais. Isso se vê, por exemplo, no conceito de J. G. Droysen citado por Helmut Koester. Este autor afirma:

122

Em 1836 e 1843, J. G. Droysen publicou sua obra inovadora de dois volumes sobre a “História do Helenismo” (*geschichte des Hellenismus*), em que empregou o termo “helenismo” para descrever a amalgamação das culturas do Ocidente e do Oriente Médio sob os auspícios da educação grega durante os séculos entre o reinado de Alexandre e o início do cristianismo (KOESTER, 2005, p. 43).

Como se pode perceber, para Droysen, o helenismo foi a ação que misturou, a cultura grega com outras culturas, mudando assim, sociedades, religiões, filosofias, e no caso do judaísmo, teologia. É relevante observar o período postulado por Droysen como sendo “durante os séculos entre o reinado de Alexandre e o início do Cristianismo”. Isso é importante, pois, a influência helenística grega já pode ser vista na literatura posterior da Bíblia, isso porque o livro de Eclesiastes já possuía relação com ideias gregas (SELTZER, 2008, p. 140).

Sendo assim, deve se entender o helenismo como um impacto cultural que foi além do período grego, e permaneceu visível por muitos séculos, não somente na helenização de Roma e de muitos países do oriente, mas principalmente no desenvolvimento do cristianismo primitivo (KOESTER, 2005, p. 43-44). Dessa forma, diferentemente de Droysen, Koester define temporalmente o helenismo com uma maior extensão, ele ratifica: “É recomendável usar o termo helenismo principalmente como designação do período que começou com Alexandre Magno e terminou com a conquista do Oriente pelos romanos” (KOESTER, 2005, p. 44).

3. IMPORTANTES NOMES E MOVIMENTOS DE INFLUÊNCIA DO HELENISMO PARA A CONSTRUÇÃO DO QUARTO EVANGELHO

Como já foi declarado acima, o helenismo foi um forte influenciador em relação à literatura judaica, e conseqüentemente a literatura do cristianismo. Dentro dessa influência existem nomes e movimentos filosóficos que foram essenciais para essa formação. Destarte, é importante observar alguns desses nomes e movimentos que possivelmente influenciaram a construção literária do quarto evangelho, e que levou o escritor do quarto evangelho a desenvolver várias de suas ideias.

3.1 FILON DE ALEXANDRIA

Um dos nomes de maior importância na formação do quarto evangelho, e deve-se mencionar que não somente dele, é Filon de Alexandria. Ele influenciou, não só vários escritores importantes da teologia cristã, como também boa parte da própria teologia cristã. Isso pode ser confirmado nas palavras de Koester:

Com a continuação do seu método alegórico de interpretação escritural e de sua filosofia judaico-helenística nos teólogos alexandrinos Clemente e Orígenes, a obra de Fílon influenciou profundamente o desenvolvimento da teologia cristã e da visão de mundo cristã como um todo (KOESTER, 2005, p. 285).

Era chamado de Fílon Judeu, e foi o mais importante pensador judeu-helenístico a correlacionar a Bíblia e a filosofia grega (SELTZER, 1990, p. 187). Koester enaltece que “O erudito filósofo alexandrino Fílon foi o escritor mais prolífico do judaísmo helenístico” (KOESTER, 2005, p. 278). Fílon nasceu em torno de 20 a.C. numa família judia helenizada em Alexandria (KOESTER, 2005, p. 279), sendo que, desde a infância, procurou adquirir um profundo conhecimento da poesia, história e filosofias gregas (SELTZER, 1990, p. 188). Portanto, pode-se entender por sua própria infância, o porquê de ele ser um tão importante nome na história judaico-helênica e no próprio Novo Testamento.

É necessário, antes de se falar da sua relação com o quarto evangelho, entender qual era o objetivo de Fílon de Alexandria. Para Koester, “mediante sua extensa atividade literária, Fílon pretendia transformar o livro sagrado da comunidade judaica, o Pentateuco, num livro helênico” (KOESTER, 2005, p. 284). Já foi exposto anteriormente que Fílon se comportou como um apologeta judaico, querendo mostrar que no judaísmo há a mais bela das filosofias. Para tanto, foi necessário que Fílon tivesse seus pensamentos moldados pelo helenismo.

É possível observar, juntamente com Robert Seltzer, que tanto os aspectos antropológicos de Fílon – os contrastes entre corpo e alma, espírito e matéria, mente e sentidos – como também os aspectos teológicos – ou seja, o ser de Deus – são moldados por uma visão grega (SELTZER, 1990, p. 189,190). Levando isso em consideração, é imprescindível o discernimento de que, embora o filósofo judeu helenístico tenha se utilizado do pensamento grego, ele não exclui os conceitos judaicos. Na

prática, Fílon utiliza os pensamentos gregos para elucidar as verdades judaicas acerca do homem e de Deus. Isso pode ser corroborado pelas palavras de Seltzer: “Ao usar termos filosóficos gregos para enfatizar a auto-suficiência e imutabilidade de Deus, ele retém as noções bíblicas da criatividade e preocupação providencial de Deus por toda coisa particular no mundo” (SELTEZER, 1990, p. 190).

As apropriações helênicas feitas por Fílon são mais claras em duas correntes filosóficas gregas: o platonismo e o estoicismo⁵. O judeu alexandrino procurou nestas duas fontes – platônicas e estoicas – uma filosofia que daria uma expressão fundamentada à relação que Deus deve ter com o mundo e com o homem (DODD, 1977, p. 93). Sendo assim, na filosofia de Fílon, além de suas fontes judaicas, sendo ela a Septuaginta, ele faz uma combinação de elementos platônicos e estoicos (SELTZER, 1990, p. 92). Logo, é possível para Fílon fazer a utilização do judaísmo e do helenismo, por exemplo, para uma concepção monoteísta judaica de Deus, e uma junção com o pensamento dualista grego de corpo e alma.

Para Seltzer, “explorando potencialidades do monoteísmo judaico através do pensamento grego, Fílon introduziu na teologia judaica diversas ilações do pensamento bíblico, especificamente um dualismo de corpo e alma, e a desaprovação ascética do mundo físico” (SELTZER, 1990, p. 193). Por conseguinte, entende-se a importância de Fílon para o judaísmo helenístico, e como será explanado mais a frente, a sua importância para a construção do quarto evangelho.

De acordo com Dodd, “sempre tem sido reconhecido que o pensamento joanino tem uma espécie de afinidade com o de Fílon” (DODD, 1977, p. 78); ou seja, para os estudantes do quarto evangelho, há um reconhecimento da influência de Fílon de Ale-

5 Levando em consideração a delimitação de tamanho deste artigo, não será tratado sobre o estoicismo. Porém, essa pesquisa compreende uma influência estoica, especialmente no que se refere ao sentido de logos, da filosofia estoica sobre o Quarto Evangelho (Cf. BROWN, 2012, p. 160; KOESTER, 2005, p. 153-154).

xandria nos escritos joaninos. Segundo C. H. Dodd, há alguns simbolismos que são semelhantes entre João e Fílon; são eles: o uso da luz como símbolo da divindade; a ideia de Deus como a fonte que jorra água viva vivificantes; e o uso do pastor. Porém, um dos grandes fatores da aproximação de Fílon ao quarto evangelho é a utilização do termo “*Logos*” no prólogo do escrito joanino. Dodd ratifica que o que chamou a atenção dos teólogos cristãos primitivos foi o fato de o prólogo do quarto evangelho equiparar Cristo ao *Logos* divino.

Uma das grandes características do pensamento de Fílon é seu conceito acerca do mundo das ideias, no qual ele compreendeu a existência baseado em um conceito platônico, de um mundo das ideias, e nesse mundo das ideias a existência da suprema ideia. “A suprema ideia, a ‘Ideia das Ideias’, que unifica todos os Poderes divinos, é o **logos**, que emana de Deus como a luz do sol” (SELTZER, 1990, p. 191 – grifo nosso). Haja vista a percepção de que em Fílon o mundo das ideias e o *logos* estão interligados, é crucial entender que, através do *Logos*, Fílon quer exibir a filosofia platônica das ideias, não por si mesmas, mas como expressão da mente do Deus único (DODD, 1977, p. 96).

Isso posto, pode-se afirmar juntamente com C. H. Dodd:

Parece claro, portanto, que, sejam quais forem os outros elementos de pensamento que possam entrar nos fundamentos do Quarto Evangelho, certamente é pressuposta uma série de ideias que têm notável semelhança com as do judaísmo helenístico conforme representado por Fílon (DODD, 1977, p. 102).

É inescusável, todavia, entender que embora João se utilize dos escritos de Fílon, ele não o faz de maneira literal. Isso pode ser percebido, por exemplo, através do conceito de *Logos*. O *Logos* de Fílon nunca é um *Logos* pessoal, exceto quando ele faz diversas utilizações de metáforas. Por outro lado, no quarto evangelho, ele entra em relações pessoais tanto com Deus como com os homens; ele é alguém que é amado e ama; no qual,

amando-o e tendo fé nele pode-se encontrar à essência do conhecimento de Deus, que é a vida eterna (DODD, 1977, p. 102).

3.2 GNOSTICISMO

É notável que os escritos de Fílon têm proximidades com os escritos joaninos. Todavia, não somente em Fílon é vista essa proximidade de linguagem e conceitos, há também movimentos importantes que estão em volta da construção literária joanina. Um desses movimentos é o Gnosticismo. O gnosticismo teve seu ápice somente no II século, contudo, as ideias gnósticas não surgem somente lá. É possível ver, ainda no primeiro século, ideias que são defendidas pelo gnosticismo, ou, em outras palavras, concepções que mais tarde seria conhecido como gnosticismo. Assim, como asseverado por Hale, muito do que se pensou ser segundo século foi encontrado no primeiro século, de tal maneira, que o gnosticismo refletido por João não é o gnosticismo completamente desenvolvido, mais as ideias iniciais desse pensamento (HALE, 2001, p. 144). Portanto, o gnosticismo referido aqui, pode ser denominado como proto-gnosticismo.⁶

É importante, sobretudo, ressaltar que o nível de influência gnóstica que perpassa o Quarto Evangelho se dá mediante a análise da data de sua escrita, e da região o qual é escrito. Logo, a que tipo de gnosticismo, ou que grau de gnosticismo está sendo considerado pelo autor Joanino só poderá ser postulado mais à frente na discussão da data de escrita do evangelho de João. Assim sendo, nesse ponto o estudo limitar-se-á a relatar a importância do movimento gnóstico para o helenismo, e como isso influencia o Quarto Evangelho.

A importância do gnosticismo é entendida a partir do próprio helenismo. No helenismo uma nova visão de mundo é iniciada, há novas ideologias, novos estudos, um novo pensa-

6 É importante entender que no presente trabalho todas as vezes que houver alguma referência ao gnosticismo se referirá ao proto-gnosticismo.

mento. Essa nova visão chega também à concepção de salvação. Conforme Koester, diante dessa realidade, era necessário um catalizador que amalgamasse tanto a nova visão de mundo com a ideia de salvação; o gnosticismo foi esse catalizador (KOESTER, 2005, p. 388). Ou seja, o gnosticismo é importante, pois ele consegue juntar as novas concepções que estavam surgindo com a necessidade do povo, de tal modo, a proposta desse movimento influencia o cristianismo, que procura também ser uma religião relevante, levando a verdadeira mensagem de salvação às pessoas.

O gnosticismo é um movimento muito amplo, sendo possível considerá-lo como filosofia ou religião. Alguns estudiosos do movimento acreditam que ele pode ter derivado de filosofias como o platonismo, ou de uma religião como o judaísmo, sendo possível sua origem ser devida também ao próprio cristianismo. Koester é enfático, todavia, em mostrar que “a origem do gnosticismo não pode ser explicada em termos de dependência ou circunstâncias históricas específicas” (KOESTER, 2005, p. 386), ou seja, é complicado a tentativa de limitar o início do movimento gnóstico à uma situação, filosofia ou religião específica. Logo, entende-se que o gnosticismo é um movimento amplo e complexo porque seu próprio início é longo e complexo. É dessa maneira que se salienta que o gnosticismo não pode ter derivado de outra coisa senão da experiência do mundo, mundo esse estranho e necessitado da mensagem de libertação, a qual possibilita que o ser humano conheça a si mesmo, o seu verdadeiro ser (KOESTER, 2005, p. 386).

Isso posto, é necessário compreender ao que o gnosticismo procurava responder; ou seja, quais os objetivos que o gnosticismo procurava alcançar. Para Koester, a pergunta essencial do gnosticismo é: “O que vem a ser esse mundo que abriga os seres humanos?” (KOESTER, 2005, p. 385). Através dessa pergunta o gnosticismo se tornou um sistema de ampla influência, tratando do “início divino primordial (teogonia), da queda trágica e fu-

nesta na armadilha (cosmogonia), do aprisionamento humano (antropologia) e do “caminho” de volta para a realidade da origem divina (escatologia)” (KOESTER, 2005, p. 385). Diante dessa pergunta gnóstica, e posto as ciências que a pergunta gnóstica perpassava, se entende a sua aproximação com o cristianismo; ou seja, os elementos cristãos da ação divina: queda, o homem como prisioneiro do pecado, e a necessidade de salvação, são encontrados e, sobretudo, estudados no gnosticismo.

É possível, portanto, começar a entender mais a fundo a relação do gnosticismo, não somente com o cristianismo, mas também com o quarto evangelho. A ideia antropológica gnóstica, por exemplo, do homem aprisionado e por isso necessitado de libertação, é vista nos diversos escritos do Novo Testamento, mas como constatar-se-á, é forte no evangelho de João, especificamente no texto de João 8.32,34,36: “E conhecereis a verdade, e a verdade libertará vocês. Respondeu Jesus a eles: em verdade em verdade digo a vocês, que todo que fazendo o pecado, servo é do pecado. Se pois o filho a vocês libertar, verdadeiramente livres sereis”.⁷ Assim, nota-se uma estreita linha entre o pensamento gnóstico e o quarto evangelho.

Essas semelhanças podem ser entendidas ao levar em consideração que a maioria dos escritos gnósticos, ao menos os conservados hoje, foram compostos por autores que se diziam cristãos, sendo que, é tarefa difícil tentar diferenciar a fé gnóstica e a linguagem cristã, pois ambos estão entrelaçados intimamente (KOESTER, 2005, p. 386). Esse entrelaçamento é visto no dualismo. De acordo com George Ladd, há no evangelho de João “um dualismo primariamente vertical: um contraste entre dois mundos – o mundo superior e o mundo inferior” (LADD, 2003, p. 338). Diante disto, C. H. Dodd mostra que todos os sistemas gnósticos têm um fundamento ou uma base num dualismo metafísico.

7 Tradução nossa.

É notável a relação e a importância do movimento gnóstico com/e para o cristianismo, especificamente na produção do quarto evangelho no que tange ao dualismo presente no mesmo. É necessário frisar ainda, que o gnosticismo tem relação com doutrinas importantes dentro da literatura joanina, como por exemplo, a ideia de Cristo Redentor. Desse modo, é imprescindível a compreensão da relação gnóstica com o quarto evangelho, sendo o mesmo, fator importante na sua produção.

3.3 PLATONISMO

O platonismo recebe o nome do filósofo ateniense Platão, que viveu no século IV a.C. (TENNEY, 2008, p. 84). Como tem-se visto até aqui, um dos aspectos mais mencionados nas demais filosofias comentadas acima é o dualismo, de tal modo que, o platonismo é essencialmente dualista. Platão possuía uma ideia bastante desenvolvida sobre o mundo. Para ele, havia uma clara distinção entre o mundo real (ideias) e o mundo material (sombra). Sendo assim, Platão entendia que o mundo real é o reino invisível das ideias e o cosmos em que o homem vive é tão somente transitório, sendo que há a necessidade de uma busca pelo real em detrimento do transitório (TENNEY, 2008, p. 85).

A ideia de Platão sobre o mundo das ideias e mundo material foi levada adiante por muitos séculos definindo assim, para muitos, a visão de mundo da antiguidade tardia (KOESTER, 2005, p. 149). De tal modo, sendo essa ideia levada a frente por bastante tempo, as concepções platônicas foram utilizadas em outros pensamentos filosóficos que surgiram no decorrer da história romana. Conforme Koester, “Fílon, os gnósticos e escritos como a Epístola aos Hebreus testemunham a vitória do Platonismo no início do período romano” (KOESTER, 2005, p. 150).

É importante ressaltar aqui, que no decorrer da história o platonismo, em sua relação com outras filosofias, foi base para criação de novas concepções, em especial o Neoplatonismo no

século II, que conforme André Vergez e Denis Huisman embora a filosofia neoplatônica tenha seu nascimento “oficial” somente no século II suas ideias já podem ser encontradas anteriormente (VERGEZ; HUISMAN, p. 82,83). Todavia, talvez a mais importante relação que o platonismo teve com outros pensamentos foi o estoicismo. “O estoicismo platonizante tornou-se base a da reflexão filosófica e religiosa, especialmente fora das escolas filosóficas” (KOESTER, 2005, p. 149). Essa união é base, por exemplo, para a ideia do mundo visível e invisível levando a própria noção do conceito de *logos* como o poder que permeia todas as coisas.

Koester faz uma importante afirmação que serve como fundamento para a compreensão de como o platonismo, juntamente com outras filosofias, serviu para desenvolvimento do dualismo e do conceito de *logos*, tendo influência fundamental no cristianismo. Ele assevera: “Somente o espírito humano reconhece Deus e o *logos*, podendo libertar-se do mundo visível por meio do conhecimento da sabedoria e do exercício da virtude, vencendo o corpo e suas paixões e retornando para sua verdadeira casa, o mundo celestial” (KOESTER, 2005, p. 149).

Assim, é perceptível a importância do dualismo platônico, ou a própria filosofia platônica, para a formação de conceitos, especialmente de alguns conceitos encontrados no Cristianismo. Sendo assim, é difícil concluir juntamente com Tenney que o platonismo não é mencionado diretamente no Novo Testamento (TENNEY, 2008, p. 85). Como afirmara Koester, a vitória do platonismo foi testemunhada por diversos nomes, entre eles, por exemplo, a carta aos Hebreus, e como poder-se-á ver abaixo com o Quarto Evangelho.

A relação platônica com o quarto evangelho se dá na ideia platônica, embora também gnóstica, do dualismo. “O platonismo era marcadamente uma filosofia religiosa baseada no dualismo platônico das ideias universais das coisas particulares, e no dualismo persa de luz e trevas” (TENNEY, 2008, p. 86). É possível perceber esse dualismo de luz e trevas sendo enfatizado no evan-

gelho de João tornando-se possível observar a relação platônica com o quarto evangelho, de tal modo que é difícil pensar nesse dualismo sem lembrar-se das concepções platônicas. Portanto, pode-se entender que talvez de uma maneira mais distante, mas sem a possibilidade de negar, o platonismo foi um pensamento que serviu como base para nascimento do cristianismo, e nesse caso, do Evangelho de João.

4. A RELAÇÃO JUDAICO-HELÊNICA

Posto os nomes e os movimentos importantes para a influência helenística nos escritos do Novo Testamento com ênfase no Quarto Evangelho, cabe agora analisar a relação judaico helênica, e como tal é vista no evangelho joanino. Para tanto, primeiramente será observado um dos principais movimentos judaicos que permitiram um profundo relacionamento entre os helenismos e judaísmos⁸, as diásporas judaicas. Por fim, a pesquisa se voltará para observar o contexto social do Quarto Evangelho demonstrando como tal contexto evidência um judaísmo-helênico catalisando assim, a sua formação.

132

4.1 DIÁSPORA

É necessário entender o que significa o termo diáspora. Entende-se que diáspora, ou dispersão refere-se ao conjunto de judeus que viviam em quase todas as grandes cidades, que estavam localizadas desde a Babilônia até Roma, seja em grande ou pequeno número (TENNEY, 2008, p. 123); em outras palavras, a diáspora é o fato da saída dos judeus da região de Israel para residir em outras localidades. Essa dispersão teve uma grande importância na relação dos judeus com o helenismo. Na prática, a diáspora foi um dos eventos mais importantes para o judaísmo-helênico. Seltzer ratifica que “vários fatores guiaram a

8 Enfatizamos aqui a ideia de helenismos e judaísmo como uma diversidade de movimentos.

propagação da dispersão judaica nos tempos helenísticos, sendo o mais importante a história política da bacia mediterrânea” (SELTZER, 1990, p. 157), principalmente a disputa entre os selêucidas e ptolomeus. Isso pode ser observado, por exemplo, no fato de que por volta de 210-205 a.C., o rei selêucida Antíoco III, deslocou milhares de soldados judeus, juntamente com suas famílias, para a região da Ásia Menor (SELTZER, 1990, p. 158).

É imprescindível o conhecimento da existência de várias diásporas, em várias regiões diferentes. Sendo assim, dentro de dois séculos, foi formado grandes comunidades judaicas em Antioquia, Damasco, em portos fenícios, em cidades como, Sardes, Halicarnasso, Pérgamo, Éfeso, e outras cidades na região da Ásia Menor (SELTZER, 1990, p. 158). Mesmo com a existência de várias diásporas, pode-se compreender que algumas foram mais importantes que outras. Segundo aponta Koester, “depois de Babilônia e de Alexandria, **a diáspora da Ásia Menor foi a mais importante**” (KOESTER, 2005, p. 225 - *grifo nosso*). A dispersão da Ásia Menor se destaca para a presente pesquisa, pois parte-se da teoria que a ligação do Quarto Evangelho é justamente com essa região, sendo assim, como visto anteriormente, é nessa dispersão que se tem fortemente a influência de Fílon e do Gnosticismo.

Esse evento não foi importante somente pela relação dos judeus com a cultura grega, mas sua importância se dá, principalmente, pois dela iniciou-se um processo religioso e cultural independente (KOESTER, 2005, p. 223). Na realidade, é exatamente na diáspora que o judaísmo helênico, enquanto construção de conceitos e religião, toma força. Isso é possível, pois a influência grega inquestionavelmente afetou os judeus da dispersão, influência tal que muitos desses judeus perderam suas características distintivas e a fé que os tornavam diferentes de todos os outros povos (TENNEY, 2008, p. 124). De tal forma, há uma relação entre conceitos, gnósticos, estoicos, platônicos, de

Fílon de Alexandria, aplicados às verdades do judaísmo. No caso do Evangelho de João, por exemplo, o dualismo e o conceito de *Logos* são aplicados a Deus e a Cristo.

Gerhard Dautzenberg esclarece esse fenômeno. Segundo ele, “é bastante reveladora a posição do evangelho a respeito do *judaísmo*. Ele traz o conhecimento das tradições judaicas na medida da sua importância” (SCHREINER; DAUTZENBERG, 2008, p. 305). O mesmo autor aponta que há no quarto evangelho um grande contato com a tradição e a teologia judaica. Por outro lado, o evangelho se afasta do judaísmo com uma tenacidade insuperável. Ele afirma: “ao lado desse acentuado componente judaico entreve-se no fundo espiritual do evangelho o *helenístico-oriental*” (SCHREINER; DAUTZENBERG, 2008, p. 306). Portanto, diante das palavras de Dautzenberg, é possível perceber como o quarto evangelho relaciona intimamente o judaísmo com o helenismo. Essa relação visceral tem como grande motor a dispersão judaica, na qual os judeus se envolveram mais profundamente com a cultura grega. Diante disso, é possível entender a importância dessa relação para o protocristianismo.

134

4.2 AMBIENTE SOCIAL JOANINO

Entender o ambiente social na Ásia Menor, possível local de escrita do quarto evangelho, é importante, pois a partir dessa análise será possível perceber como os judeus conviviam socialmente com outros povos helenizados e qual as implicações desse convívio para a formação dos escritos judaico-helênicos, especificamente o evangelho de João. Já foi abordado sobre a importância do movimento conhecido como diáspora e sua importância para a formação do judaísmo-helênico. De uma determinada maneira, poder-se-á observar, a partir deste tópico, quais os tipos de conflitos e interações sociais que a diáspora permitiu, e assim compreender de uma maneira mais profunda sua importância. Por fim, embora as discussões anteriores

tenham partido do helenismo para o judaísmo, o foco neste tópico, será atribuído ao judaísmo; ou seja, partindo do judaísmo para o helenismo.

Em primeiro momento é preciso entender que existia maior número de judeus que residiam na diáspora do que na Palestina. Tenney aponta para este fato ao dizer que “durante o Império Romano, os judeus vivam em número muitíssimo maior fora das fronteiras da terra santa” (TENNEY, 2008, p. 123). Sem dúvida, isso já é fator suficiente para compreender o porquê de os pensamentos judeus terem absorvido tanto do helenismo; contudo, entender o que levou a esse convívio de ideias, e consequentemente absorção de ideias, permitirá compreender a influência de relações sociais na formação do judaísmo-helênico e consequentemente do quarto evangelho.

Nas diásporas judaicas é provável que o povo judeu possuísse maiores privilégios que quaisquer outros povos que conviviavam no ambiente grego, principalmente Roma (ARENS, 1997, p. 160). Esses privilégios possuem importância tanto para a continuação dos elementos judaicos, como por exemplo, as descrições das práticas judaicas por João, como para os elementos helenísticos, a utilização do dualismo no quarto evangelho, por exemplo. Em primeiro lugar, os privilégios para os judeus consistiam na permissão deles viverem segundo os seus costumes antepassados, e havia também, no império romano um respeito pela religião judaica (ARENS, 1997, p. 161). Assim, compreende-se como João aprofunda em questões judaicas em seu evangelho.

O judaísmo não era alheio a João, mas sim, era vivenciado por ele. Eduardo Arens sustenta que os privilégios recebidos pelos judeus que viviam na Ásia Menor permitam que eles vivessem de um modo separado dos helênicos, de tal maneira que havia uma tendência de se constituir uma cidade dentro da cidade (ARENS, 1997, p. 163). Ou seja, parecia haver, dentro das cidades romanas, outra cidade composta por judeus vivendo de acordo com seus costumes e leis. Obviamente isso permitia a

qualquer judeu, mesmo que nascido fora da terra santa, conhecer e vivenciar as práticas judaicas; no caso de João, permitiu-lhe aprofundar questões judaicas nos seus escritos.

Em segundo lugar, os judeus não viviam somente as práticas judaicas, e a partir daí o helenismo começa adentrar o pensamento judeu. Sua interação com o helenismo ocorria, em primeiro momento, na relação com o culto ao imperador. Os judeus, apesar de viverem de uma maneira diferenciada, livrando-se de tudo o que envolvia o culto pagão, prestavam juramento de fidelidade ao imperador, além de participar das festas imperiais (ARENS, 1997, p. 161). Com isso, pode-se observar que o judeu não estava livre de todo pensamento e cultura helênica. Isso, obviamente gerou implicações para os judeus. A partir dessas participações o judaísmo envolveu-se cada vez mais com o helenismo. Como já foi exposto e elucidado por Seltzer: “todos os ramos e formas do judaísmo foram afetados em certo grau pelas preocupações espirituais e pressões sociais do meio helenístico” (SELTZER, 1990, p. 182).

136

As relações sociais entre judeus e helênicos teve um grande efeito no judaísmo. Cada vez mais, os judeus da Ásia menor vinham se helenizando paulatinamente, alguns mais e outros menos intensamente, sendo que essa influência se dava tanto nos nomes das pessoas como em epítáfios escritos em grego e não em hebraico (ARENS, 1997, p. 167). Essa diferenciação entre alguns judeus helenizados e outros não, pode ser vista no relato de Lucas em Atos 6.1: “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus [...]”. Tenney relata que na diáspora havia dois grupos distintos: Os hebraístas e os helenistas. Os hebraístas eram aqueles que mantinham todo o judaísmo: fé, língua e costumes; já os helenistas eram aqueles que mantiveram a fé judaica, todavia, os costumes e língua eram gregos (TENNEY, 2008, p. 124).

A helenização, de acordo com Arens, “era para alguns equivalente ao que chamamos de moderno” (ARENS, 1997, p. 168). Todavia, os judeus não só permitiram serem helenizados, como também permitam que o helenismo dialogasse com suas próprias tradições. O judaísmo era atraente para diversas pessoas da Ásia Menor que pertenciam ao mundo pagão. Isso pode ser visto em diversos escritores helênicos que expressavam admiração pelo judaísmo (ARENS, 1997, p. 168-169). Portanto, a interação judaísmo-helenismo não se dava somente no fato do helenismo impor pressão no ambiente judaico, mas também, no próprio judaísmo se permitir a isso. Sendo assim, compreende-se este judaísmo-helênico não apenas como uma influência do helenismo no judaísmo, mas também no fato do judaísmo se permitir ser influenciado por aquele, embora talvez não de uma maneira consciente, resultando na introdução das filosofias e conceitos helênicos em seu pensamento.

Essa “permissão” judaica pode ter sido devida a hostilização levantada contra o judaísmo na Ásia Menor. Esse levante contra o judaísmo se deu exatamente, em primeiro momento, ao fato de que os judeus eram um povo que viviam de uma maneira diferente de todos os demais helênicos. Não se pode negar que a hostilidade da população helênica, que assumiu traços alarmantes (ARENS, 1997, p. 176), fez com que os judeus se interessassem, como uma forma de autodefesa de seus costumes e ideias, por uma interação com o helenismo. Ou, como tratado acima, o próprio fato do reconhecimento da cidadania romana.

Como podemos perceber no quarto evangelho, bem como em outros escritos judaicos (Filon de Alexandria, Odes de Salomão, Septuaginta, Josefo, etc.), é inegável a afirmação de que os judeus absorveram enfoques próprios do helenismo, utilizando-se deles para a formação de sua literatura, como por exemplo, a literatura sapiencial (ARENS, 1997, p. 175). Portanto, o judaísmo-helênico se dá através de: 1) A força do helenismo em adentrar em outras culturas; 2) A permissão que judeus se deram

de utilizar-se de conceitos helênicos; 3) A hostilidade helênica contra o judaísmo, e conseqüentemente, uma apologética judaica; 4) A busca pelo reconhecimento de cidadania romana, que exigia um helenismo maior sobre aquele que o almejava.

Por fim, diante dessa análise social do ambiente em que João se encontrava ao escrever o seu evangelho, percebe-se que o autor joanino se encontrava em um ambiente que permitiu a ele relacionar o judaísmo-helênico em seu evangelho. Em primeiro lugar, ele continuava a ter acesso aos costumes e ideias judaicas, o que lhe dava condições de aprofundar, como o fez em seu evangelho. E, em segundo lugar, as tensões sociais entre judaísmo e helenismo, de certa forma, exigiam que ele utilizasse do helenismo para explicar as verdades sobre Jesus, já que estava escrevendo para judeus helenizados. Como assevera João Santos: “As transformações sociais que implicaram uma nova cultura no judaísmo tiveram continuidade no cristianismo das origens [...]” (SANTOS, 2011, p. 179). Ou, em outras palavras, as implicações sociais foram fundamentais na construção do judaísmo-helênico, de tal maneira que João utiliza-se dele para a construção do seu evangelho, uma das grandes obras cristãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Hale, “o judaísmo helênico talvez tenha sido responsável por muitas formas de pensamento e vocabulário do quarto Evangelho” (HALE, 2001, p. 159). É necessário afirmar ainda, que embora Hale especifique a importância para a construção da literatura joanina, pode-se dizer que o judaísmo helênico foi importante para toda a construção protocristã. Assim, é possível perceber como os movimentos helênicos influenciam o judaísmo fazendo com que a literatura cristã tenha uma ampla base ou fonte de ideias. Isso pode ser compreendido como um sincretismo de ideias, de tal modo que, como é o caso do quarto evangelho, em um mesmo versículo se possa ter justapostas ideias gnósticas e judaicas, por exemplo (Cf. Jo 8.32).

Diante da discussão vista acima é possível perceber que João, desde cedo, planeja e reedita⁹ seu evangelho para alcançar aqueles que já possuíam algumas predileções filosóficas, como pode ser observado no prólogo (TENNEY, 2008, p. 210). Logo O autor do evangelho constrói intencionalmente uma literatura judaico-helênico. Ou seja, João planeja e estrutura seu texto abarcando o judaísmo e o helenismo, e fazendo a correlação entre os dois. Por outro lado, todavia, é possível perceber que ele o faz por uma necessidade tal: o judaísmo-helênico estava levando em consideração à própria relação social entre judeus e helênicos, paulatinamente, permeando as mentes das pessoas.

Percebe-se, portanto, que a intencionalidade e a naturalidade estão presentes nessa discussão; o lado intencional em relação ao autor, e o lado natural em relação aos destinatários. Diante disso, é preciso entender como João faz essa construção intencional de seu evangelho.

A reestruturação joanina se dá através de um ponto fundamental no judaísmo-helênico: a presença da comunidade judaica fora da palestina. Era necessário que João moldasse sua literatura ao judaísmo-helênico, pois tal mudança elucidaria a atmosfera helênica vivenciada naqueles tempos, e explicaria os nomes e títulos semitas à luz do helenismo.

REFERÊNCIAS

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

BROWN, R. E. **The Gospel According to John: I-XII**. New York: Doubleday & Company, 1996.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. **Judaísmo, cristianismo, helenismo**. [S.l.]: Ottoni, 2003.

9 Cf. as propostas de Raymond Brown em seu comentário de João sobre as cinco fases que envolveram o processo redacional do Quarto Evangelho. BROWN, R. E. *The Gospel According to John: I-XII*. New York: Doubleday & Company, 1996. p. XXXIV – XXXVI.

DODD, C. H. **A interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

GRUNDRY, R. H. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALE, B. D. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**: 1. história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 1.

LADD, G. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

SANTOS, J. B. R. **Primórdios do Cristianismo**: o contexto histórico do cristianismo primitivo. São Paulo: Didática Paulista, 2011.

140

SAULNIER, C. **A revolta dos Macabeus**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

SELTZER, R. M. **Povo judeu, Pensamento Judaico I**: a experiência judaica na história. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1990.

STAMBAUGH, J. E.; BALCH, D. L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento em sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

VERGEZ, A.; HUISMAN, D. **História dos filósofos**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos.